

# GUERRA DE EXPORTAÇÕES

● A indústria nacional pode ficar prejudicada pela falta deste produto de manufatura

por Pedro Lambo (texto) e

Adriano Murato (fotos)

O ramo industrial que tem como matéria-prima a copra, poderá enfrentar graves problemas da falta deste produto estratégico, caso a situação continue no ritmo actual.

Na província da Zambézia, a maior produtora do país, instalou-se uma guerra desenfreada de exportações, com vários intervenientes no processo a priorizarem a canalização directa da copra nos mercados sul-africano e europeu.

A livre concorrência faz esquecer o mercado nacional. Um dos armazenistas locais chegou mesmo a afirmar, ironicamente, que "sem unhas não se toca guitarra".

Trata-se de uma alusão implícita ao facto de as indústrias nacionais não possuírem capitais financeiros suficientes para custear as despesas comerciais, recorrendo-se a quem oferece melhores condições, neste caso o mercado externo.

Mas o director-geral da Geralco, uma fábrica de óleos vegetais e sabões, na Zambézia, tem uma opinião antagónica, consubstanciada no facto de que deveria existir no país uma legislação que defenda, em primeiro lugar, os interesses nacionais, pelo menos nesta área de copra.

Embora reconheça as lacunas financeiras que as indústrias nacionais encaram, observou que os agentes económicos deveriam ter, como preocupação primordial, abastecer essas unidades industriais e, a partir daí, desencadear a guerra de exportações em relação ao produto acabado.

O nosso país tornou-se conhecido naturalmente, vai para a província e de maiores companhias nível mundial como um dos maiores produtores de copra. Esse feito, grandes quantidades de palmares É na Zambézia onde estão

sedeadas as companhias de Madal, Boror e Muroa, com larga experiência e tradição invejáveis, para além de vários outros produtores do sector familiar.

Em conjunto, são estes que tentam dar cunho ao processo produtivo e permitir que a polpa de semente de um coqueiro, cultivado em várias regiões tropicais, e que fornece o óleo empregue na indústria, continue a dignificar Moçambique.

No meio de tudo isto surgem dificuldades. Guerra que acabou é um dos exemplos vivos. Em algumas zonas da Zambézia reinava a insegurança absoluta e muitas companhias não exerciam praticamente a sua actividade em pleno. Essa calamidade não permitiu a conservação permanente de várias áreas de coqueiros e, como consequência disso, regista-se uma redução drástica da capacidade produtiva, o que exige uma recuperação imediata.

Certas companhias, para repor a sua capacidade real de produção, tinham que encontrar uma solução. É daí que uma nova espécie surge naquela província.

Trata-se de palmeiras híbridas, uma variedade introduzida em 1989, e que resulta do cruzamento entre o coqueiro alto e típico da região e o chamado anão, originário da Malásia, no continente asiático. A medida que o coqueiro alto vai perdendo a sua capacidade de produção, é imediatamente abatido e substituído por palmeiras híbridas que, na opinião de entendidos, crescem e começam a produzir num espaço de tempo relativamente curto.

Se é verdade que na Zambézia todas as companhias possuem esta variedade, o Grupo Madal é que tem grandes quantidades nos seus 40 mil hectares. Faz quase 12 mil replantações de palmeiras anuais, quantidade considerada insignificante para o nível das necessidades da própria empresa.

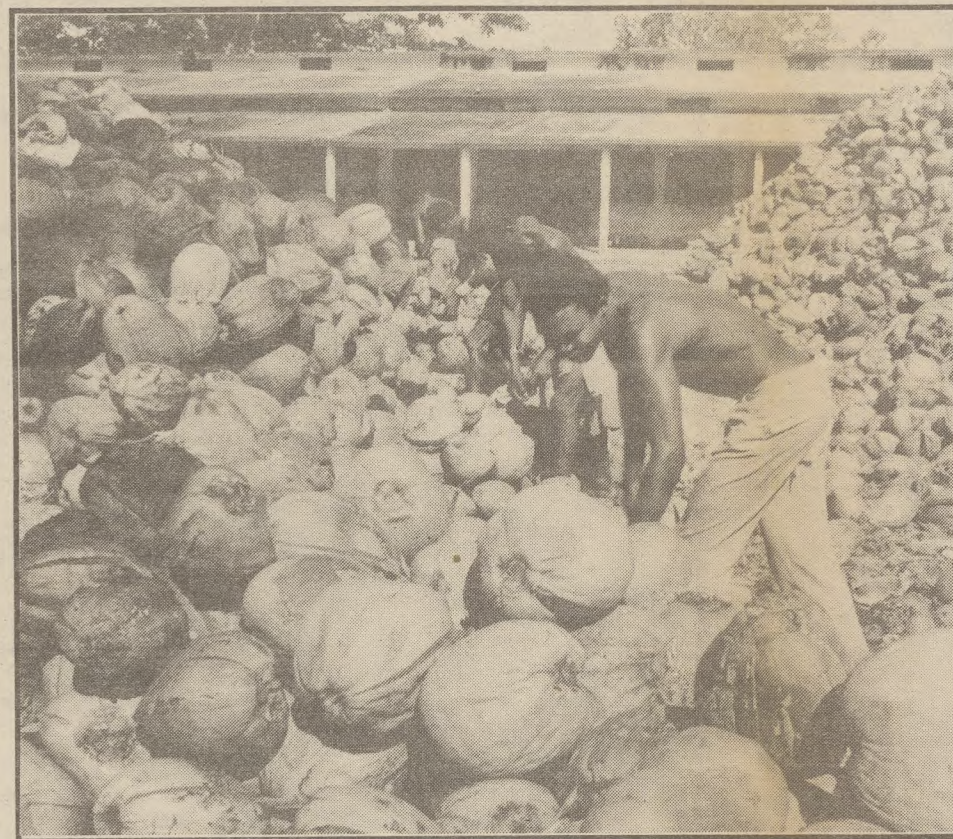
Outras companhias, sobretudo as estatais, correm o risco de falência, devido à grave crise financeira e de gestão, embora estejam a ser envidados esforços no sentido de voltarem a ocupar o lugar cimeiro e próprio para elas na produção de copra.

## A COMERCIALIZAÇÃO

Soubemos em Quelimane que existem muitos intervenientes no processo de comercialização. Para além de grandes companhias, destacam-se igualmente armazenistas. Todos procuram o seu mercado interno e externo. É sobretudo neste último que se verifica a disputa sangrenta em termos de capitais, porque oferece

melhores condições em relação às indústrias nacionais que utilizam a copra como matéria-prima básica.

No que se refere ao sector familiar, tem duas opções: ou baixa o preço de venda a agentes



Os sazonais são a força motriz na preparação da copra

## Geralco

# Três anos paralisada

A Geralco é uma fábrica de óleos e sabões e, portanto, uma das mais potenciais consumidoras de copra, na Zambézia.

Aquela unidade industrial, no entanto, encontra-se paralisada há três anos, para se proceder à sua reabilitação: isto implicou a desmontagem de todo o equipamento obsoleto e ultrapassado e substituí-lo integralmente.

É uma nova fábrica que está sendo instalada em Quelimane — garantiu-nos o eng.º mecânico Henrique Nehemia, director-geral.

Para além da retirada do equipamento, houve igualmente a necessidade de se demolir algumas partes do próprio edifício. De acordo com a fonte, fora os atrasos que se verificaram no pagamento de novo equipamento, também se registaram problemas de negociações com a Alemanha, que acabara de se reunificar.

As negociações iniciais foram feitas com autoridades da ex-RDA, após a reunificação observou-se uma mudança de atitudes em termos de relacionamento, o que implicou a existência de intensas discussões no processo de negociação. Durante o ano passado não foi feito nenhum trabalho e, em Abril do ano em curso, reiniciou-se o processo de reabilitação da fábrica, esperando-se a sua conclusão no próximo mês ou nos princípios de Agosto.

Pensa-se que nesse período far-se-á o respectivo ensaio para se apurar rendimentos e depois entregar-se definitivamente a fábrica.

A nossa preocupação de momento é refamiliarizarmo-nos com os novos preços de copra. Começámos a espeltrar o mercado para fazermos o aprovisionamento da copra até Agosto. — contou ao "Domingo" Henrique Nehemia.

Precisou, contudo, que a sua empresa terá muitas dificuldades, relacionadas com financiamentos. Os vendedores de copra vão preferir ou preferem exportar o seu produto, no quadro da abertura comercial que se verifica no país. Temos graves problemas de ordem financeira.

Não há nenhuma empresa capaz de render depois de três anos de total paralisação, mesmo que tenha dos mais categorizados gestores. Mesmo assim, temos estado a acompanhar o oscilação de salários de trabalhadores, mas isso exige grandes esforços.

Na explicação do director da Geralco, tentou-se negociar com a banca



Os viveiros são a garantia de sobrevivência dos coqueiros

económicos, ou então fica com o produto armazenado, o que poderia criar prejuízos enormes.

De acordo com Zacarias Ismael, um dos armazenistas, de campanha em campanha o seu armazém tem vindo a aumentar o escoamento de copra em Inhassunge, Micaune, Maganja da Costa, Macuse, Mabalala e Bajune.

Nos últimos tempos virámos a exportação para a África do Sul e Europa. Para a Europa exige-se um lote considerável, porque não se justifica que um barco europeu apareça no porto de Quelimane para depois sair quase vazio.

Apontou que no primeiro semestre, em locais mencionados,

conseguiu-se escoar 1750 toneladas, numa meta prevista de duas mil toneladas para este ano.

Aquele agente económico anotou que a comercialização envolve muito dinheiro e a burocracia bancária faz demorar o processo. Pagamos ao cliente e o dinheiro fica empatado, devido à burocracia. Isto necessita de muito capital e é daí que muitos comerciantes recuam por falta de financiamentos.

Falou também de vias de acesso interrompidas, embora isso não constitua grande problema, pelo facto de muitos vendedores se localizarem na zona litoral da Zambézia.



para a aquisição de fundos, uma vez que existe a necessidade urgente de se fazer o aprovisionamento brusco, e é possível que se invista a preços fora do comum.

Ou então terá que se recorrer ao sector familiar, que vende a preços normais, mas por vezes a copra é de fraca qualidade por se apresentar húmida.

Pode-se notar, facilmente, que essa copra terá que vir a ser tratada na fábrica, o que poderá trazer repercussões negativas. Podemos investir pouco, mas nada valerá, porque nem rendimento industrial, nem compensação teremos.

Pronunciando-se sobre o processo de exportação de copra que se verifica, Henrique Nehemia defendeu a existência de uma lei que proteja a comercialização local. Exportação sim, mas é necessária a preservação da indústria nacional. A preocupação não seria propriamente a de exportar a copra em si, mas o produto acabado. Seria uma forma de engrandecer o país, principalmente nesta fase em que se considera um dos mais pobres do mundo.

Ainda sobre a reabilitação da Geralco, Henrique Nehemia esclareceu que a montagem do novo equipamento conta com alguns técnicos de uma empresa alemã, denominada INGAN, que participa directamente no processo, para além de formação do pessoal moçambicano, que garantirá a sua manutenção.

Segundo o interlocutor, apesar de níveis de escolaridade diferenciados, os técnicos moçambicanos têm demonstrado uma capacidade de assimilação impressionante, o que se pode afirmar com segurança que não haverá problemas no futuro.

Após iniciarmos o processo de funcionamento necessitaremos de 12 mil toneladas de copra por ano. Com o financiamento garantido e com todas as companhias produtoras de copra a laborarem em pleno, poderão ter dificuldades de fornecer essa quantidade regularmente.

Estamos a montar o tipo de equipamento que irá produzir o óleo cru. A copra, na sua concepção, não é para o consumo directo — sublinhou; para em seguida acrescentar que, logo que terminar a reabilitação da fábrica será montado um novo equipamento para a produção de sabões, já que o actual processo de fabricação apresenta-se obsoleto.



A companhia Madal também pratica a pecuária

## Crónica

# Bom dia patrão

CAMINHO por uma das ruas da cidade de Quelimane. Páro defronte de um estabelecimento comercial. Deiteio a vista. Sou interpelado por alguém e diz-me: "bom dia patrão".

Avalio o indivíduo que assim me fala. Vejo que é um homem robusto, estatura mediana, acima de 50 anos. A fatalidade do destino não lhe poupou. É um deficiente físico.

Pedinte de esmola, estende o braço direito. No bolso da minha camisa tinha algumas notas. Retiro uma de 500 meticals e entrego-lhe. Agradece e parte. Acto contínuo, pede ali e acolá. Consegue apanhar o "laco". É uma luta pela sobrevivência. Preferível assim. Depois reflicto sobre a expressão "patrão".

Trajava pomposamente a ponto daquele idoso confundir-me com um empresário? Nada disso. É a maneira mais respeitável de se dirigir a uma pessoa desconhecida.

Acontece também em Maputo. Quantas vezes somos considerados de "tio" por pessoas sem nenhum grau de parentesco? Várias.

Com base nessa comparação fiquei aliviado. O velho não confundiu nada, simplesmente respeitou-me. Esqueci-me duma coisa. Não perguntei ao homem se a mutilação daquela perna direita teria sido resultado de guerra ou de um acidente qualquer.

Quem sabe. Um dia estarei novamente em Quelimane e, se tiver o ensejo de me avistar com ele, perguntar-lhe-ei.

Pedro Lambo

# Associação inactiva

EXISTE na Zambézia uma Associação de Produtores de Copra. Todos os problemas directamente relacionados com esta actividade, em princípio, deveriam ser resolvidos àquele nível.

No entanto, conforme apurámos de alguns associados, desde a sua criação e nesta agremiação não faz absolutamente nada e nunca beneficiou a ninguém.

Isto entra em contradição com o seu único objectivo para o qual foi fundada, o de promover o aumento de produção da copra, cocos, seus subprodutos e derivados.

A sua inactividade não permite cumprir uma das funções preconizadas nos seus estatutos, a de defesa dos direitos e interesses sociais e económicos dos associados, através dos meios previstos na lei.

Quando assim acontece torna-se difícil a coordenação de acções de investigação, experimentação e demonstração de todas as

técnicas, visando o melhoramento da cultura do coqueiro e a evolução tecnológica da transformação dos respectivos produtos e subprodutos e a divulgação de resultados entre todos os associados.

O apoio aos associados, no campo comercial, em tudo o que se relacione com a comercialização dos seus produtos, a promoção de acções de formação profissional, a proposta de medidas que visem regular e disciplinar as categorias profissionais especializadas do ramo, bem como o estabelecimento de normas de qualidade em função dos mercados interno e externo, são outras funções que não se cumprem.

Alguns associados, como é o caso do Grupo Madal, retiram-se da associação, preferindo trabalhar isoladamente.

Na altura em que este organismo começar a funcionar devidamente vai assumir, novamente, o exercício de todas as funções.